

A percepção da *Teoria da Dádiva* em um modelo contemporâneo de fazer sociológico

Marina Félix Melo*

Resumo

As presentes páginas trazem como escopo a discussão da aplicabilidade da *Teoria da Dádiva* em pesquisas sociológicas atualmente. Utilizaremos como guia dois trabalhos sustentados por tal teoria: a dissertação de mestrado “Dádiva e Voluntariado: ações de apoio junto a portadores de câncer”, de Vilma Lima e a tese de doutorado “A Sagração do Dinheiro no Neopentecostalismo”, de Drance Silva.

Palavras-chave: Pesquisas Sociológicas, Teoria da Dádiva, Marcell Mauss.

Abstract

This paper aims to bring the discussion of the applicability of the Theory of Donation in sociology works nowadays. We'll use as a guide two studies supported by this theory: the dissertation “Dádiva e Voluntariado: ações de apoio junto a portadores de câncer”, by Vilma Lima and the thesis “A Sagração do Dinheiro no Neopentecostalismo”, by Drance Silva.

Key words: Sociology Researches, Theory of Donation, Marcell Mauss.



* **MARINA FÉLIX MELO** é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco

1. Introdução:

A Teoria da Dádiva, bem como demais teorias desenvolvidas pelas ciências humanas e sociais, busca envolver e explicar objetos de análise à luz de determinadas problematizações. Entretanto, como utilizar uma teoria sociológica para compreender um objeto de estudo? Ou, ainda, como a Teoria da Dádiva pode ser o aporte teórico de uma diversidade de objetos sociológicos?

No primeiro semestre de 2009, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, o prof. Paulo Henrique Martins ministrou a disciplina “A Recepção do Dom no Brasil”, da qual se geraram discussões acerca dos conteúdos apreendidos em aula (conceitos de Dom, de Dádiva, pensamento pós-colonial etc.). Muitos estudantes manifestaram-se sobre a aplicabilidade da Teoria da Dádiva a partir da inquietação de visualizar, reconhecer, a Teoria no cotidiano, em um dado espaço de interação social. Assim, alguns estudantes colocaram que “a dádiva é o substrato da vida social no campo de pesquisa, o que faz da vida social possível” (A. O.); que a “lente teórica da dádiva causa estranhamento” (C. G.); ou que a “lente teórica da dádiva causa reconhecimento” (L. C.). Além dessas inquietações, outros pontos foram refletidos, o que nos leva à reflexão de como essa teoria, por lidar com uma lógica para além da utilitária, tem sofrido rejeições por setores acadêmicos antes mesmo de ser compreendida. Como versou Martins na ocasião (2009), “a questão central é decifrar a ação social”, isto é, como as demais teorias sociais, a dádiva é um “mapa”, uma tentativa de mapeamento da realidade: “Essa teoria é um bom mapa, assim como outras também são”. (Martins, 2009).

A partir da idéia de Martins de que a Teoria da Dádiva é um mapa, buscaremos entender possíveis formas de aplicabilidade da Teoria e como esta pode guiar pesquisas sociológicas atualmente. Pensaremos nessa aplicabilidade a partir dos exemplos da dissertação de mestrado desenvolvida por Vilma Soares de Lima em 2004, intitulada “Dádiva e Voluntariado: ações de apoio junto a portadores de câncer” e da tese de doutorado “A Sagração do Dinheiro no Neopentecostalismo”, defendida por Drance Elias da Silva em 2006. O escopo destas páginas não é o de conceituar a Dádiva e nem de esgotar suas diversas interpretações erguidas pela literatura recente sobre o tema, mas sim, realizar um breve trabalho de revisão que nos auxilie sobre possíveis formas de aplicabilidade desse conjunto maior de interpretações, isto é, embora reconheçamos a necessidade do exercício de conceituar uma teoria, nos deteremos no plano de “o que fazer com determinado conceito?”. Antes de realizarmos uma sucinta leitura das pesquisas de Lima e Silva, convém perpassarmos, brevemente, a origem teórica/sociológica da Teoria da Dádiva e utilizaremos como ponto de partida a obra clássica Marcel Mauss.

2. Marcel Mauss e a Teoria da Dádiva

Em “O Enigma do Dom” (2001), Maurice Godelier versa sobre como “o dom existe em todo lugar, embora não seja o mesmo em toda a parte” (GODELIER, 2001, p. 07). Ao longo da história das ciências sociais muito se tem discutido, por meio de diversas correntes teóricas e campos do saber, sobre a existência social vinculada a recursos materiais, ao dinheiro e à economia utilitária. Entretanto, como poderíamos explicar fenômenos presentes na esfera simbólica de

relações? Por que, como coloca Godelier, um homem quando perde seu emprego e não se recoloca no mercado de trabalho perde na sociedade mais que uma fonte financeira de renda? Uma das principais explicações a tais questionamentos pode ser a de que a economia é a principal fonte de exclusão social, porém, um sistema econômico que pudesse envolver tamanha problemática situa-se para além de uma economia meramente utilitária, isto é, diz respeito a um campo de relações sociais mais complexo. Tais questionamentos nos levam a uma das principais teorias já tratadas nas ciências sociais acerca da complexidade da ação social, a Teoria da Dádiva que, por sua vez, nos conduz ao legado de Marcel Mauss.

Sociólogo francês, Mauss viveu em uma época conturbada, de operações militares na Primeira Guerra Mundial. Escreveu sobre solidariedade social e sentimentos coletivos e teve alguns trabalhos inacabados sobre Economia e Estado. Segundo Evans Pritchard, “Mauss era muito menos um filósofo do que Durkheim” (PRITCHARD, 1981, p. 242). Ele seria mais empírico do que seu tio Durkheim e, inclusive, havia quem acreditasse que seria com Mauss que a Sociologia atingiria seu estado experimental na França. “Ensaio Sobre a Dádiva”, encontrado em “Sociologia e Antropologia” (1922), foi uma obra indispensável para o amadurecimento das ciências sociais na qual encontramos uma forte análise lingüística, mesmo quando Mauss tece acerca dos elementos que operam a troca que, em verdade, consistem numa série de elementos heterogêneos.

A idéia de Fato Social Total desenvolvida por Mauss seria compreendida por trocas, uma vez que nestas encontramos outros aspectos que

podem ser considerados como Fatos Sociais. Como exemplo, teríamos a forma de comer. Sabemos que o ato de comer em si, biologicamente, não é, na concepção durkheimiana, um Fato Social, mas a forma de comer e os simbolismos que a compreendem sim. Desta forma, Mauss entende que nas relações de trocas encontramos não somente aspectos como a forma de comer, mas também outros como a economia e a religião enlaçadas no processo. Eis o porquê da noção de Fato Social Total. De acordo com Laplantine (1997), o Fato Social Total seria uma possível “quebra” das barreiras disciplinares, uma forma do Fato Social impactar na realidade. Entretanto, o que norteia os estudos da Dádiva é a coerção existente nas três esferas do *Potlatch*¹, a saber, as obrigações de dar, de receber e de retribuir um presente, uma dádiva. Fica patente como a obrigação de dar, que é a essência do *Potlatch* estudado pelo autor, pode ser vista como uma forma de um chefe manter sua autoridade e que a obrigação de receber não é menos coercitiva que a obrigação de dar.

Mauss se dedica à compreensão das associações humanas, não restritas a determinantes particulares, a exemplo de fatores políticos, econômicos e/ou culturais (MARTINS, 2008, p. 28). Logo, sua concepção de Fato Social Total permite superar as dualidades contidas na obra de Durkheim (macro e micro; sagrado e profano), que via a

¹ Mauss fez do *Potlatch* dos índios Kwakiutls uma categoria sociológica geral. Os dons que envolviam competições, antagonismos e rivalidades eram os que mais fascinavam Mauss, pois, o objetivo intencionado da ação era o de tornar difícil o retorno de um dom equivalente, mas não impossível. A idéia central, no caso do *Potlatch*, era fazer com que as partes envolvidas na disputa provassem sua superioridade publicamente durante o maior tempo possível. (GODELIER, 2001, p. 87-88).

obrigação como fator determinante e incondicional do fato moral, da moral social, o que será problematizado por Mauss, que enxergou o sistema moral a partir de certa flexibilização uma vez que advém de uma pluralidade de determinações (*Ibid.*, p. 59). É a compreensão de que a vida social é composta por fatos que carregam significações simbólicas que permite Mauss a não somente confirmar a tese durkheimiana de ‘obrigações sociais’, mas também, de conceber que tais obrigações não são modelos acabados, invariáveis na sociedade, tendo o indivíduo a possibilidade de transgredir algumas regras. A valorização do simbolismo levou Mauss a concluir que “tudo” o que ocorre na sociedade é importante para sua compreensão, desde fenômenos amplos até os aparentemente simples como danças, risos, gestos etc. (MAUSS *apud* MARTINS, 2008, p. 33)

Para Mauss, o Kula² estudado por Malinowski, sua amistosidade e simbolismo, além de uma forma de comércio, seria um tipo de *Potlatch*. É como se a troca fosse, para os dois autores, a mola propulsora das relações humanas. Assim, Mauss busca o que há de mais universal nas sociedades humanas para a compreensão da realidade e não se limita às particularidades dos povos analisados, o que o leva a entender o sistema do dom como um Fato Social Total e analisar a sociedade a partir da interconexão de diversos fatores.

Aspecto fundamental do pensamento de Mauss é que, para ele, a vida social é inconsciente, visão retomada posteriormente por Lévi-Strauss, um de seus interlocutores mais notáveis. Mauss reúne um conjunto de leis

² Um sistema de trocas, um fenômeno social, analisado por Malinowski em “Argonautas do Pacífico Ocidental” (1922).

sociológicas que pode explicar e determinar a Dádiva, sendo esta obrigatoriamente voluntária, realizada por processos complexos e variados. O autor consegue explicar este processo de reciprocidade como sendo um pilar fundamental da abordagem estruturalista em Sociologia. Considerada como um jogo lógico, a essência desta abordagem é o fato de se olhar para os fenômenos sociais não por lentes subjetivas apenas e nem como um mero conteúdo (sistema de valores), mas sim, considerando a forma dos fenômenos de maneira objetiva. Entretanto, de acordo com Martins, é a desconstrução da abordagem estruturalista do dom que possibilita o vínculo deste último com o Novo Movimento Teórico esboçado, principalmente, por Jeffrey Alexander em 1987 (*Ibid.*, 2008, p. 3). Tal relação e “contextualização permite entender que a obra de Mauss não tem apenas valor etnológico ou antropológico, mas uma grande atualidade sociológica para a explicação das sociedades contemporâneas” (MARTINS, 2008, p. 08).

3. A Contribuição da Teoria da Dádiva em Pesquisas Sociológicas

A dissertação de mestrado “Dádiva e Voluntariado: ações de apoio junto a portadores de câncer” foi desenvolvida por Vilma Soares de Lima e defendida em fevereiro de 2004 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, sob orientação do Prof. Paulo Henrique Martins. O escopo do trabalho de Lima foi estudar a formação do voluntariado em uma ONG de Sergipe, a AVOSOS (Associação dos Voluntários a Serviço da Oncologia em Sergipe), que trabalha com pacientes com câncer, sobretudo, crianças. A hipótese principal investigada foi se a ação dos voluntários da entidade

contribuía para a formação de uma esfera de atuação social que se distanciava das lógicas sistêmicas instrumentais. Lima constatou que “apesar da instituição se aproximar das sociabilidades secundárias e das lógicas sistêmicas – mercantil/estatal –, o voluntariado cria mecanismos que impossibilitam a priorização da técnica em detrimento da pessoa no tratamento do câncer”. (LIMA, 2004, p. 10). Ao longo da pesquisa de campo, a autora verificou que aspectos como o vínculo social e as relações interpessoais estão presentes nas relações entre doador e receptor da ação para além das práticas mercantis, o que conferia, por sua vez, um tratamento humanizado aos pacientes com câncer. “(...) Constatamos que a ação voluntária é movida por diversas lógicas, de modo que tentar instrumentalizá-la no sentido de maximizar sua utilidade na instituição pode levá-la a perder o seu sentido” (*Ibid.*, p. 10).

Lima utilizou a Teoria da Dívida como aporte teórico e como elemento explicativo na compreensão de como ocorriam os vínculos estabelecidos dentro da instituição analisada a partir do ciclo do dom de dar, receber e retribuir presentes nas relações entre pacientes e voluntários. Antes, dissertou sobre o crescimento da visibilidade do voluntariado, constatando, através de pesquisas do IBOPE e do ISER, realizadas em 1998, que 50% da população brasileira faz algum tipo de doação, seja em dinheiro, em bens (como alimentos) ou em tempo. De acordo com as pesquisas, cerca de 16% da amostra analisada se dedica de alguma maneira a instituições formais. Assim, a pergunta central da pesquisa de Lima foi: “o que motiva um grupo de pessoas a trabalhar voluntariamente em prol de alguém?” (*Ibid.*, p. 16).

A ação voluntária é um fenômeno mais abstruso do que em geral se supõe, ou seja, é mais complexa do que sua aparente utilidade e encoberta por uma pluralidade de lógicas possíveis, uma vez que diz respeito não apenas à capacidade ao princípio de reciprocidade do indivíduo, mas também, aos interesses múltiplos que percorrem as noções de participação, satisfação pessoal e/ou busca de resultados para determinados problemas sociais. Logo, um dos principais esforços desenvolvidos no trabalho de Lima foi o de compreender o voluntariado em seu hibridismo, por lógicas que não se reduzem apenas a determinantes utilitários que supõem os indivíduos como atores meramente em busca de seus interesses egoístas.

A conclusão geral a que Lima chegou foi a de que o trabalho voluntário possui um caráter híbrido e que as etapas de dar, receber e retribuir não se colocam como pontos “formais” a serem cumpridos nas relações entre pacientes e voluntários, ou seja, não servem, meramente, como uma sustentação ou reprodução do paradigma da dívida apenas por trocas, mas sim, pela significação que reside nestas trocas. Ainda na dissertação de mestrado, a autora observa a maneira como se dava a profissionalização dentro da entidade - considerada de grande porte e com um grau significativo de profissionalização se observadas variáveis como tipos de socialização na entidade (primária e secundária), desenho hierárquico da instituição, fontes de financiamento etc. - e percebe que a profissionalização não fazia com que fossem estabelecidos apenas laços de sociabilidade primários ou secundários, haja vista o já constatado hibridismo presente no voluntariado. Lima ressalta que a socialização primária paira sobre o funcionamento da instituição e,

sobretudo, do voluntariado que a envolve, mesmo porque entidades como estas tendem a ser formadas a partir de laços de socialização primários. Logo, se por um lado a AVOSOS tem tido um voluntariado menos amador, porque busca se profissionalizar para atender a demandas exigidas para perseguir fontes de financiamento, e mesmo utilizando o discurso de Mercado para tal, isto não faz com que a lógica de funcionamento do voluntariado se perca em meio à instrumentalidade, ratificando o hibridismo verificado, bem como a complexidade do Dom. O trabalho nos traz, ainda, que a Dádiva é elemento formativo do voluntariado, dos elos entre os agentes envolvidos na ação social e que contribui na formação de uma esfera na qual existe certo distanciamento do Estado e do Mercado ao propor outras lógicas de relação espontâneas.

Ao fim de sua dissertação, Lima coloca como enveredar pelo tema da dádiva e do voluntariado lhe causou encantamento e contemplação a seu “objeto” de estudo, isto é, o encantamento com a construção do conhecimento que o objeto de estudo é capaz de propiciar (SANTOS, Boaventura, 2003). A autora observa como o envolvimento respeitoso do pesquisador com seu “objeto” é adequado para entendermos um trabalho que trata sobre respeito e amizade ao próximo.

Também no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Drance Elias da Silva desenvolveu um trabalho sobre Dom, Simbolismo e Dinheiro. Com dissertação de mestrado intitulada “A Representação Social do Dinheiro entre os Neopentecostais” (2000), sob a orientação do Prof. Joanildo Burity e tese de doutorado “A Sagração do Dinheiro no

Neopentecostalismo: Religião e Interesse à luz do Sistema da Dádiva” (2006), sob orientação do Prof. Paulo Henrique Martins, Silva estudou o neopentecostalismo e a manutenção dos vínculos sociais nesta religião à luz da Teoria da Dádiva.

Uma das principais preocupações trazidas por Silva diz respeito à relação estabelecida entre religião, fiéis e dinheiro. Segundo o autor, o dinheiro é constantemente ressignificado no espaço dos cultos, ou seja, trata-se antes de um forte símbolo social do que de uma moeda de troca utilitária, certa vez que o dinheiro é interpretado pela população religiosa como uma força de espiritualidade e a ação que os fiéis exercem de “dar” dinheiro à Igreja constitui um ato de valorização humana. Sendo assim, à guisa de exemplo, se damos dinheiro à Igreja ganhamos paz espiritual em troca. Trata-se de uma leitura da Dádiva que nos traz à discussão problemáticas sobre o poder que o Dom exerce na comunidade religiosa e fora dessa, pois, o dinheiro utilizado fora desse sistema de Dádiva específico tem uma valorização no vínculo social diferente do dinheiro utilizado para outras finalidades, isto é, do dinheiro que não é “dado” a Deus.

Este complexo de Dádiva é estimulado por mecanismos múltiplos, da mesma forma que ocorre em outros sistemas que, muitas vezes, são visualizados em competições. O exemplo do estudo de Silva sobre os neopentecostais não foge a essa perspectiva na medida em que a competição pode ser visualizada não apenas no plano de “quem dá mais” na Igreja, mas também no mundo simbólico de cada indivíduo, que busca ter o coração “tocado” cada vez mais por Deus, o que gera, então, o desprendimento da doação. Silva salienta que no ambiente de trocas

pesquisado, dar dinheiro não é o mesmo que “pagar”, pois, o pagamento é interpretado pela população analisada como uma atitude mercantil. Na medida em que a dádiva diz respeito, também, à socialização que os indivíduos vivenciam, o dinheiro não figura como elemento principal de ação dos fiéis, porém, é a interpretação que fazem desse dinheiro que gera um ambiente antes de congregação do que de divisão, ao mesmo tempo em que coage: “O pastor ordena e o fiel obedece” (SILVA, 2006), mas obedece ao significado, à representação, que o dinheiro adquire naquele contexto de culto.

A doação de dinheiro faz com que os envolvidos nesse sistema de trocas se sintam protegidos - entendemos que existe a troca de dinheiro por rezas, por proteção espiritual etc. Assim como no *potlatch*, a circulação de doações indica um valor que confere prodigalidade ao doador e afasta, simultaneamente, a visão do dinheiro (Mercado) ligado ao demônio, ao mal, e o traz como instrumento para o bem, para Deus, quando colocado em altar (*Ibid.*). “A força esclarecedora da razão é insuficiente como instrumento absoluto de explicação e resposta aos problemas que se mostram no palco da trama histórica da vida humana” (*Ibid.*). Em suma, o dinheiro não é operado para meios e fins utilitaristas apenas, pois, bem como em outros exemplos antropológicos e sociológicos de dádiva, ele só é válido, só assume sua roupagem na Igreja, por uma sustentação simbólica maior.

4. Considerações finais

Demais trabalhos poderiam ilustrar a Teoria da Dádiva como aporte de explicação teórica em diversas sub-áreas da sociologia. Optamos por tecer neste ensaio acerca da utilização da Teoria da Dádiva em trabalhos de pós-

graduação em sociologia porque mesmo entendendo a necessidade de desenvolver teorias de um modo geral, a fim de guiar o pesquisador em sua investigação para que este conheça suas ferramentas de trabalho, a delimitação de conceitos por si só não gera respostas aos problemas de pesquisa, pois, consideramos que uma das partes mais árduas do exercício sociológico é problematizar tais teorias, o que é, de fato, utilizá-las, articulá-las.

Como outras teorias, a Teoria da Dádiva é um caminho de explicação e elucidação de problemas sociológicos, porém, ela não é em si um modelo pronto e acabado de como desenvolver pesquisas. Embora seja amplamente aplicada a diferentes propostas de investigação, a Teoria da Dádiva não é capaz de responder às perguntas de campo por si só, pois, precisa estar atrelada às peculiaridades da pesquisa, ou seja, a teoria também é reconstruída cotidianamente no campo, no fazer sociológico. Dito de outra forma, ao tentarmos localizar um apanhado de usos da Teoria da Dádiva não pretendemos obter uma junção de concepções teóricas que acreditemos ser o reflexo exato da prática. Acreditamos que nenhuma teoria pode se constituir, pura e simplesmente, como um encaixe perfeito à realidade que se quer estudar. Não estamos a separar a teoria da prática, mesmo porque seria uma atividade impossível. Assim, não podemos moldar o problema ao qual nos propomos estudar de acordo com uma teoria que julgamos “ideal”, de modo que todas as respostas a nossas questões sejam sanadas por ela.

Essa aparente limitação das teorias, de um modo geral, pode também ser entendida como um avanço na construção do conhecimento e, no caso particular da Teoria da Dádiva, o

pesquisador conta com a interdisciplinaridade que compete a essa última, uma vez que ela circula por escolas como a interacionista e a estruturalista, por exemplo, passando por recortes contemporâneos como o desenvolvido pela sociologia dos objetos, quando os objetos reconfiguram o mundo social. De um todo, notamos que em pesquisas qualitativas, principalmente (mas também no paradigma quantitativo, em menor ordem), a Teoria da Dádiva nos possibilita compreender simbolismos e subjetivismos ao entender que o dom não é composto apenas de presentes, mas também de palavras e gestos, bem como possibilita e incentiva o pesquisador à sensibilidade de detectar alianças em grupos sociais, alianças apontadas exaustivamente por Mauss e ratificadas por Lévi-Strauss.

Apesar das possibilidades que a Teoria da Dádiva fornece ao pesquisador, de trabalhar com as noções de subjetivismo, reciprocidade etc., um dos principais problemas encontrados pelos investigadores é a leitura rasa que o senso-comum, por vezes, faz da Teoria, reduzindo-a a esfera econômica e utilitária. Todavia, o esforço de rompimento com tais noções é o que gera trabalhos como o Lima, que visam ampliar a interpretação da realidade para além da racionalidade instrumental. Tais visões reducionistas dão margem a discriminações infundadas lançadas à Teoria, gerando perdas substanciais ao “dispensar” um aporte teórico capaz de propor saídas a algumas encruzilhadas recorrentes na pesquisa sociológica, a exemplo da complexidade do simbolismo, bem como demais motivações sociais, muitas, inclusive, utilitárias e cotidianamente presentes na esfera social (MARTINS, 2008, p. 05). Logo, se não consideramos a Teoria da Dádiva

limitada ao utilitarismo e às percepções de Mercado e Estado, compreendemos que ela é capaz de lidar, também, com estes outros dois setores utilitários da sociedade, uma vez que a complexidade das problemáticas constantes da Teoria da Dádiva estão imbricadas na noção maior de sociedade, formada pela mistura de relações entre as esferas mencionadas, isto é, não existe apenas Mercado, Estado ou trocas simbólicas na sociedade, mas sim, a dinâmica do viver em sociedade que envolve todas essas esferas.

Referências

- ALEXANDER, Jeffrey. (1987). O novo movimento teórico. In: **RBCS**, n. 4, vol. 2, junho.
- GODELIER, Maurice. (2001). **O Enigma do Dom**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LIMA, Vilma Soares de. (2004). **Dádiva e Voluntariado: ações de apoio junto a portadores de câncer**. Dissertação de Mestrado. PPGS-UFPE.
- LAPLANTINE, François. (1997). **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense.
- MARTINS, Paulo Henrique. (2008). **De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S (Movimento AntiUtilitarista nas Ciências Sociais): Itinerários do Dom**. Revista RBCS / Scielo.
- MAUSS, Marcel. (1974). Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: E.P.U e Edusp, v. 2.
- PRITCHARD, E. E. Evans. (1981). **História do pensamento antropológico**. Lisboa: Edições 70.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. (2003). **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez.
- SILVA, Drance Elias. (2000). **A Representação Social do Dinheiro entre os Neopentecostais**. Dissertação de Mestrado. PPGS-UFPE.
- _____. (2006). **A Sagração do Dinheiro no Neopentecostalismo: Religião e Interesse à luz do Sistema da Dádiva**. Tese de Doutorado. PPGS-UFPE.